

O BRASIL QUE QUEREMOS: perspectivas do grupo de estudos de psicodrama e relações étnico-raciais

Maria Célia Malaquias¹

Edleusa Nery Garrido²

Daniel Russell Oliveira³

Juliana Dos Santos Soares⁴

Daniela Aparecida Cardoso da Silva⁵

RESUMO

Este artigo tem como finalidade descrever o minicurso intitulado "O Brasil que queremos - Perspectivas do Grupo de Estudos de Psicodrama e Relações Étnico-Raciais", desenvolvido durante o 24º Congresso Brasileiro de Psicodrama e o 2º Congresso Regional Latino-americano de Psicoterapia de Grupos e Processos Grupais - IAGP, no período de 11 a 14 de setembro de 2024, na modalidade híbrida, em Belo Horizonte, Minas Gerais. A atividade foi desenvolvida em dois momentos (manhã e tarde), com a participação total de 120 pessoas, a partir da metodologia sociodramática com grupos, a qual seguiu as etapas sequenciais do sociodrama, que foram: aquecimento (inespecífico e específico), desenvolvimento e compartilhamento. Trata-se de um relato de experiência, tendo como texto disparador "Quem pode falar? Falando no centro, descolonizando o conhecimento", de autoria de Grada Kilomba, cujos resultados foram sistematizados por meio das ressonâncias envolvendo experiências pessoais e profissionais, tanto no âmbito individual quanto no coletivo, sobre as diversas formas de racismo e seus enfrentamentos. A partir das ressonâncias, o minicurso teve como propósito promover conscientização sobre o papel do Psicodrama na luta por uma sociedade mais justa e igualitária. Acredita-se que essa perspectiva, inspirada na resistência e liberdade dos quilombos, pode contribuir de forma significativa para a construção de uma teoria e prática antirracista entre profissionais que atuam em contextos grupais, estimulando diálogos que visam à transformação social.

Palavras-chave: quilombo; relações raciais; psicodrama; grupo; antirracismo.

¹ Mestre em Psicologia Social (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP); Psicodramatista Didata Supervisora (Sociedade de Psicodrama de São Paulo - SOPSP); Psicóloga (Faculdade Paulistana de Ciências e Letras); Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0878-0761>; e-mail: mcmalaquias@uol.com.br

² Doutora em Educação (Universidade Estadual de Campinas - Unicamp); Especialista e Mestre em Saúde Comunitária (Universidade Federal da Bahia - UFBA); Psicóloga (Universidade Federal da Bahia - UFBA); Psicodramatista nível I (Associação Bahiana de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo - ASBAP); Orcid <https://orcid.org/0000-0002-3458-9699>; e-mail: edleusagarrido@gmail.com

³ Mestrando em Artes da Cena (Escola Superior de Artes Célia Helena - ESCH); Especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental e Psicodrama; Psicodramatista Nível I (Viver Mais Psicologia); Psicólogo; Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-6759-9646>; e-mail: psidanielrussell@gmail.com

⁴ Psicodramatista Didata Supervisora (Instituto Mineiro de Psicodrama Jacob Levy Moreno - IMPSI); Psicóloga (Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG); Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7251-7904>; e-mail: juliana@seremrelacao.com.br

⁵ Mestre em Saúde Coletiva (Coordenadoria de Recursos Humanos da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo); Especialista em Psicologia Hospitalar (Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo); Psicodramatista Nível I (Sociedade de Psicodrama de São Paulo (SOPSP); Psicóloga (Universidade Paulista - UNIP/SP); Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9431-6123>; e-mail: danielacardoso.psi@gmail.com

THE BRAZIL WE WANT: perspectives of the psychodrama and ethnic-racial relations study group

ABSTRACT

The present article has the purpose of describing the mini-course entitled “The Brazil we want - Perspectives of the Psychodrama and Ethnic-Racial Relations Study Group” developed at the 24th Brazilian Congress of Psychodrama and the 2nd Latin American Regional Congress of Group Psychotherapy and Group Processes - IAGP, from September 11 to 14, 2024, in the hybrid mode, in Belo Horizonte (Minas Gerais, Brazil). This activity was developed in two periods (morning and afternoon), with a total of 120 participants, based on the sociodramatic methodology with groups, and followed the sequential steps of Psychodrama: warming up, development and sharing. It is an experience report, having as the warm-up trigger the text “Who can speak? Decolonizing knowledge”, from Grada Kilomba; the results were systematized through participants’ personal and professional experiences, both individually and collectively, on the different forms of racism and their confrontations. From the experiences, this mini-course had the purpose of promoting awareness of the role of psychodrama in the fight for a more just and egalitarian society. This perspective is believed to significantly contribute, inspired by the resistance of the *quilombos*, to the construction of an antiracist theory and practice among the professionals who work in group contexts, stimulating dialogues aimed at social transformation.

Keywords: *quilombo*; race relations; psychodrama; group; antiracism.

INTRODUÇÃO

O Grupo de Estudos de Psicodrama e Relações Étnico-Raciais, ao longo de seus oito anos de existência, tem sido um importante laboratório de pesquisa-ação, contribuindo significativamente para o desenvolvimento do Psicodrama brasileiro, sob a perspectiva do sociólogo e psicodramatista pioneiro Alberto Guerreiro Ramos. É um Psicodrama em que a diversidade étnico-racial brasileira se faz presente, um Psicodrama que visa conhecer, nas palavras de Jacob Levy Moreno (1975, p. 444), “[...] o que esse público necessita é ficar mais familiarizado com o verdadeiro papel vital de uma família negra, não só intelectualmente, não só como vizinhos, mas também num sentido psicodramático, vivendo-o e elaborando-o continuamente neste palco”.

Nesse contexto, o 24º Congresso Brasileiro de Psicodrama e o 2º Congresso Regional Latino-Americano de Psicoterapia de Grupos e Processos Grupais (IAGP), com o tema “Que mundo queremos? Eu, você, nós?”, trouxe a reflexão sobre a importância de pensarmos no modelo de sociedade que queremos construir e na qual viver. Partindo disso, o minicurso “O Brasil que queremos – Perspectivas do Grupo de Estudos de Psicodrama e Relações Étnico-Raciais” buscou propiciar um espaço de discussão para que as pessoas pudessem refletir sobre o papel do Psicodrama no enfrentamento do preconceito racial.

Dessa forma, os objetivos principais do minicurso envolveram a ampliação das discussões sobre as interseções do Psicodrama com as questões raciais, compartilhando a

necessidade de as práticas psicodramáticas antirracistas serem pensadas e utilizadas. Com base nas reflexões promovidas, buscou-se perpetuar a importância das pessoas se conscientizarem, em seus papéis de psicodramatistas, sobre como estes podem ser desempenhados na construção de uma sociedade mais igualitária.

De acordo com Ramos (2023), o Psicodrama é um método de ação que busca eliminar as conservas culturais cristalizadas e repetitivas. Para o autor, o papel social racista não é um comportamento inato, mas uma aprendizagem absorvida por meio das relações sociais. Nesse contexto, é possível compreender que a aplicação do Psicodrama não se limita apenas aos aspectos psicoterapêuticos, mas também carrega uma dimensão sociológica, tornando-se essencial para a transformação das dinâmicas de exclusão.

Assim, à luz da perspectiva do Psicodrama, o minicurso também se propôs a responder à provocação do tema central do congresso: "Que mundo queremos? Eu, você, nós?". Por meio das práticas e reflexões promovidas, as pessoas participantes foram estimuladas a uma conscientização sobre como suas ações e intervenções psicodramáticas podem impactar e transformar os aspectos sociais em contextos nos quais estão inseridas. O texto ora apresentado visa, portanto, descrever essa atividade dentro do Congresso.

A CONDUÇÃO DO MINICURSO: UMA METODOLOGIA PSICODRAMÁTICA

O minicurso foi elaborado a partir da metodologia psicodramática, contando com uma diretora e 16 egos-auxiliares⁶. Foi estruturado para ocorrer em dois momentos complementares, num total de 4 horas, abrangendo os turnos da manhã e da tarde, tendo comparecido 120 pessoas, entre proponentes e participantes, no formato híbrido (presencial e *online*). Na parte da manhã, considerando uma perspectiva dialógica, a diretora⁷ realizou um aquecimento inespecífico para mapeamento sociométrico e jogo dramático, visando à formação do grupo, por meio de identificação, possibilitando um clima de confiabilidade, para que as pessoas participantes pudessem se sentir à vontade, acolhidas e livres, a ponto de se permitirem e se sentirem provocadas a compartilhar suas vivências.

⁶ Diretora: Maria Célia Malaquias. Egos-auxiliares: Alair Souza Sant'Anna, Daniela Aparecida Cardoso da Silva, Daniel Russell Oliveira, Débora Alessandra de Souza, Edleusa Nery Garrido, Eloisa Helena Diniz, Ermelinda Marçal, Giceli Carvalho Batista Formiga, Juliana Dos Santos Soares, Laruse A. Souza, Luiza Olivera de Lacerda, Maria Eduarda Valentim, Silvana Monteiro Gondim, Sirlene Margarida Pedro, Soraia André César, Stephany Crisostono, Thelma Faria Barretto Dória.

⁷ No Psicodrama, diretor(a) corresponde a(o) profissional que conduz a atividade no grupo.

Em seguida, no aquecimento específico, a diretora apresentou a proposta do minicurso, bem como do texto previamente escolhido, “Quem pode falar? Falando no centro, descolonizando o conhecimento”, de Grada Kilomba (2019). Este foi lido em voz alta pelas pessoas que se voluntariaram durante a atividade. A diretora ressaltou que, durante a leitura, qualquer pessoa que sentisse a necessidade de comentar suas reflexões, ressonâncias, questionamentos, dúvidas, interrompesse a leitura e assim o fizesse. Isso porque essa condição é facilitadora do amadurecimento reflexivo e partilha, tendo, nas falas, a força reverberativa necessária para a coconstrução grupal, e é a mesma dinâmica que acontece nos grupos de estudos que estão em vigência sob sua coordenação.

À medida que a leitura do texto era feita por uma pessoa, em voz alta, as demais acompanhavam. Diante de um compartilhamento de ressonâncias, as pessoas participantes se debruçaram sobre o que estava sendo discutido, fazendo conexões entre a leitura e os acontecimentos de sua vida, fosse na dimensão pessoal, fosse na dimensão profissional (das mais diversas áreas, como clínica, saúde, social, organizacional etc.).

Após essa etapa da leitura, foi iniciado um espaço para compartilhamento das ressonâncias da atividade e dos apontamentos feitos pelo grupo. Em seguida, ocorreu o processamento, quando a diretora fez uma discussão teórica do que foi vivido até ali e finalizou a etapa da manhã, com a apresentação das referências dos conceitos trabalhados e leitura do poema “Tempo de se aquilombar”, da escritora Conceição Evaristo (2020).

No segundo momento (tarde), a diretora fez um reconhecimento do grupo, verificando participantes da manhã e novos integrantes. Após isso, releu o poema de Evaristo (2020) e solicitou que fossem retomadas as discussões que haviam surgido anteriormente. Em seguida, as pessoas participantes foram divididas por áreas profissionais para discussões supervisionadas e produção de uma síntese sobre as reflexões em qualquer formato (imagem, cena, texto etc.). Após a execução da atividade, os grupos compartilharam suas produções.

QUEM PODE FALAR SOBRE O MUNDO QUE QUEREMOS? RESULTADOS DAS RESSONÂNCIAS

A partir da integração entre ambiente presencial e *online* e os recursos advindos da metodologia psicodramática, o minicurso promoveu um espaço de reflexões sobre o racismo e suas manifestações, assim como o compartilhamento de algumas experiências relativas ao seu enfrentamento. Foram trazidas, e conectadas, as experiências profissionais e pessoais.

Dentre as ressonâncias emergentes, a preocupação com a saúde da população negra no Brasil ganhou destaque imediato. Alguns pontos foram levantados, como o racismo obstétrico e a mortalidade materna a que as mulheres negras estão mais sujeitas. O caso de Alyne Pimentel (Catoia; Severi; Firmino, 2020) foi lembrado como uma das muitas vítimas de racismo obstétrico.

A luta antimanicomial também foi ressaltada, enfatizando a importância da escuta médica que, muitas vezes, tem sido feita de forma aligeirada, comprometendo a qualidade dos atendimentos. Uma participante que atua na área da saúde apontou uma maior suscetibilidade de pessoas negras às doenças renais crônicas, reforçando a necessidade de uma escuta médica qualificada para essas pessoas que recorrem constantemente aos serviços de saúde.

Ao trazer um olhar sobre as comunidades periféricas, um participante que trabalha com Psicanálise e Psicodrama destacou o papel da linguagem da periferia e seu impacto na prática profissional. De acordo com seu depoimento, até mesmo a linguagem acadêmica utilizada pelos profissionais já atua como uma barreira linguística entre estes e a população da comunidade.

Foi consenso, entre as pessoas presentes, que o racismo se estrutura nas bases sociais, afetando de modo profundo as relações e o atendimento nas instituições, especialmente para pessoas em vulnerabilidade social, econômica e emocional. Nesse contexto, a visão do racismo estrutural apresentada por Almeida (2019) ressalta a necessidade de compreendermos as dinâmicas das desigualdades raciais na sociedade. Para o autor, o racismo é um problema sistêmico que se manifesta nas estruturas sociais, perpetuando a marginalização e a desumanização das pessoas negras. É uma estrutura cristalizada nos aspectos sociais, políticos e econômicos. Assim, pensar a linguagem da periferia e suas implicações para a prática profissional torna-se imperativo na desconstrução de estereótipos e na promoção de cuidados mais inclusivos e equitativos.

A área da educação emergiu como outro espaço importante de expressões do racismo. Uma das participantes discorreu sobre sua maneira de escrever e de como ela era corrigida em vários espaços acadêmicos durante sua trajetória educacional. Costumava ouvir que ela escrevia como falava, o que a fazia entender que esse jeito “era errado” e que, em um primeiro momento, chegou a cogitar que o lugar da escrita não fosse para ela.

Sobre este aspecto, Kilomba (2019, p. 54) questiona como “produzir conhecimento em uma arena que constrói, de modo sistemático, o discurso de intelectuais negros/os como menos válido”, em que às pessoas brancas “é assegurado um lugar de poder e autoridade sobre um grupo que está classificado como ‘menos inteligente’” (Kilomba, 2019, p. 55).

A autora denuncia que dentro de espaços de produção de conhecimento, como a academia, ocorre a existência de uma lógica hierarquizada, que estabelece uma mecânica que relega à negritude o *status* de “inferioridade” e o de “estar fora do lugar”, enquanto a branquitude segue como “estar no lugar” e, logo, na condição de “superioridade”, daqueles que sempre falaram e a quem sempre foi dado o direito de falar e a legitimidade da fala que deve ser ouvida (Kilomba, 2019).

Questionamentos sobre o conhecimento de expoentes negros(as) na educação, na sociedade e, até mesmo, na vida pessoal de participantes também emergiram. Kilomba (2019) relata que no primeiro dia de aula dos seus seminários, costuma perguntar às turmas sobre fatos e personalidades negras importantes, e que comumente o conhecimento sobre isso é escasso.

Considerando as manifestações do grupo sobre esse tema, provocadas pela leitura, em determinado momento do minicurso, foi incentivado que as pessoas presentes assumissem o papel de professores e fizessem perguntas desse tipo à “classe”. O grupo, por meio das ressonâncias, denunciou que observa a ausência de referências negras e indígenas em cursos de graduação, e que tal feito contribui para que essas vozes, de maneira histórica e sistemática, sejam silenciadas, uma vez que “não somos reconhecidas como ‘pessoas eruditas’, o lugar do saber não tem os nossos como representantes, nossas agências e agendas são apagadas e nossas vozes não são ouvidas” (fala de uma participante).

Em seguida, discutiu-se sobre o imperativo de conhecer e valorizar referências negras e indígenas na academia e no meio psicodramático. A diretora, então, reforçou a necessidade de protagonismo da população negra em poder falar de si ao afirmar: “Basta de falar por mim, eu falo por mim, nós falamos por nós!” Além disso, ressaltou a importância de abandonar um conhecimento que fale de um “homem universal”.

Do ponto de vista das diversas ressonâncias no âmbito pessoal, é possível ilustrar um relato emocionado de uma participante, cuja mãe, negra, lavadeira, lhe orientava sempre: “Mesmo que você esteja certa, você não pode responder às pessoas”. Nesse sentido, a mãe trazia a “posição da subalterna como sujeito oprimido que não pode falar porque as estruturas da opressão não permitem que essas vozes sejam escutadas, tampouco proporciona um espaço para a articulação das mesmas” (Kilomba, 2019, p. 47).

Esse compartilhamento propiciou um dos momentos mais sensíveis da manhã. Num espaço onde todas as pessoas participantes tinham voz, aquele depoimento foi ecoado pelas demais pessoas do grupo sobre como é bom, no presente, poder falar. Nesse sentido, vale

ressaltar toda a atmosfera que foi conduzida pela diretora, para propiciar uma sensação de acolhimento, portanto de aquilombamento do grupo.

O conceito de quilombo pode ser entendido no senso comum como um espaço físico onde as pessoas negras podiam se refugiar no período da escravização. Porém, segundo Nascimento (2021), esse conceito vai muito além da dimensão física: é um local que cultiva a proteção e a preservação da cultura e da comunidade negra, atuando como resposta à opressão racial. Isso significa que, para a autora, quilombo é a representação de estruturas de resistência contra a violência racial, em que estratégias coletivas de sobrevivência, unidade e resistência são exercidas conjuntamente; e segue afirmando que “quilombo pode ser uma atitude dos negros para se conservarem no sentido histórico e de sobrevivência grupal, e que ele se apresenta como assentamento social e organização que criam uma nova ordem interna e estrutural” (Nascimento, 2021, p. 124).

Atualmente, essas iniciativas estão centradas no fortalecimento da consciência coletiva e no empoderamento da comunidade negra, promovendo espaços de diálogo e reflexão. Nesse contexto, o grupo de estudos que idealizou o minicurso buscou criar um ambiente seguro para explicar, revelar e que as pessoas pudessem expor as ressonâncias de qualquer natureza sobre o racismo. Ao permitir o compartilhamento dessas experiências, foi possível desenvolver a coconstrução em grupo, reforçando a importância do combate ao racismo, da promoção e da valorização da identidade negra.

Como resultado das discussões na parte da tarde, atividade realizada em grupos, as pessoas se organizaram segundo suas práticas profissionais, sendo elas: clínica – foco individual; clínica – foco grupal; organizacional; Sistema Único de Saúde (SUS) e Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e; educação, com quem participava presencialmente; clínica e social, com as pessoas que estavam na modalidade online.

O grupo da clínica (online) apontou sobre a importância de o debate sobre racismo estar presente durante os cursos de graduação e da necessidade de reforçar a discussão sobre branquitude. Foi ressaltada a obrigação de reconhecer e nomear situações de racismo. Também foi trazida a dúvida sobre antecipar questões raciais ao cliente. Um dos participantes sinalizou a necessidade de se buscar conhecimento como forma de lidar com as situações em que sofrimento decorrente do racismo emerge.

Já o grupo da clínica individual (presencial) destacou que o racismo se estrutura nas bases sociais, afetando a todos. A postura clínica deve ser ética e política, oferecendo suporte ao cliente, inclusive para denunciar situações de racismo.

O grupo de clínica com foco grupal (presencial) expôs a dificuldade de algumas pessoas, inclusive psicoterapeutas, em se expressar diante de questões raciais, com relatos de paralisação diante dessas situações. Ressaltaram a importância do letramento racial constante e de espaços de reflexões para lidar com tais situações.

O grupo social (online) trouxe ressonâncias sobre posturas racistas de pessoas idosas, a problematização sobre o conceito de “lápiz cor da pele”, a expectativa excessiva sobre a psicologia resolver as questões sociais e o compromisso pessoal e profissional diário de trazer consciência sobre o racismo, atuando para quebrar paradigmas.

No grupo organizacional (presencial), o foco foi o racismo velado, o sentimento de solidão, a falta de representatividade nas empresas e a disparidade nos processos seletivos, mesmo em concursos públicos. Foi ressaltada a importância das ações afirmativas.

O grupo SUS/SUAS (presencial) abordou a vulnerabilidade social e a ausência de direitos, destacando-se o desafio e a importância de trabalhar em grupo. Nesse sentido, o Psicodrama foi descrito como uma potente ferramenta teórico-metodológica que instrumentaliza as(os) profissionais em suas intervenções.

No grupo de educação (presencial), foram apresentadas situações pessoais de abuso e sofrimento. Nesses espaços de compartilhamentos, as pessoas costumam trazer suas ressonâncias e, na maioria das vezes, relacionadas às experiências de sua vida nas dimensões pessoais. Kilomba (2019) amplia esse feito, apontando que essas vozes traduzem relatos de dor, decepção e raiva, e não podem ser vistas como “histórias pessoais ou reclamações íntimas, mas sim relatos de racismo” (Kilomba, 2019, p. 57).

A discussão nos pequenos grupos demonstra a importância de espaços de debate e compartilhamento que permitam o protagonismo de vozes negras (a maioria das pessoas presentes) e que abordem o racismo em suas diversas formas, sejam elas explícitas ou veladas. Destacam-se as reflexões sobre as práticas profissionais, a importância da escuta qualificada e o valor das ações afirmativas e do trabalho em grupo.

É importante enfatizar as diversas inquietações trazidas nos pequenos grupos sobre uma atuação profissional que considere todo o sofrimento decorrente de situações de racismo, o que exige, cada vez mais, uma prática comprometida com o bem-estar de todas(os). Tais preocupações convocam não somente profissionais negros(as) a atuar nessa linha de frente, mas “todos aqueles que querem de fato contribuir para um país melhor, onde os cidadãos sejam tratados igualmente nas suas diferenças” (Malaquias, 2020, p. 77). Para tanto, é imperativo a coconstrução de espaços onde é possível cada um(a) poder falar por si.

Nessa direção, o Psicodrama é, aqui, reconhecido como um método e uma ferramenta importante de ativismo social, como salientado por Ramos (2023, p. 70): “O psicodrama é, ao mesmo tempo, um método de análise das relações humanas e um processo de terapêutica psicológica”, sendo o Sociodrama “um método de eliminação de preconceitos ou de estereotípias que objetiva libertar a consciência do indivíduo da pressão social” (Ramos, 2023, p. 79). Ou seja, o método psicodramático exerce um propósito terapêutico e sociológico, visando expurgar as conservas culturais racistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E ABERTURA PARA NOVOS CAMINHOS

O propósito do minicurso foi alcançado, uma vez que se verificou a ampla participação das pessoas presentes, trazendo suas ressonâncias sobre o impacto do racismo no cotidiano da vida delas, tanto no âmbito profissional quanto pessoal. Além disso, formas de enfrentamento, especialmente, a partir de práticas coletivas foram trazidas. Ou seja, quem pode falar é, principalmente, aquele(a) que vivencia um cotidiano permeado por situações de racismo.

Registrar o que aconteceu no minicurso é também uma maneira de perpetuar os feitos de um grupo que se preocupa e reflete sobre os atravessamentos das relações raciais no cotidiano pessoal e profissional de cada participante. Busca, dessa forma, convocar o movimento psicodramático a se comprometer, cada vez mais, não apenas com a pauta da diversidade racial e do enfrentamento do racismo estrutural, que gera tanto sofrimento e adoecimento psíquico, mas também a promover um fazer mais plural e complexo, que amplie as vozes para além daqueles(as) que sempre tiveram espaço para falar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

CATOIA, Cinthia de Cassia; SEVERI, Fabiana Cristina; FIRMINO, Inara Flora Cipriano. “Caso ‘Alyne Pimentel’: violência de gênero e interseccionalidades”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 1, e60361, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n160361>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/CNfnySYtXWtYbsc987D8n5S/?lang=pt>. Acesso em: 17 out. 2024.

EVARISTO, Conceição. **Tempo de nos aquilombar**. Por uma nova construção democrática: é tempo de aquilombar. 13 nov. 2020. Disponível em: <https://ffeminina.oblatassr.org/2020/11/13/por-uma-nova-construcao-democratica-e-tempo-de-aquilombar/>. Acesso em: 11 out. 2024.

KILOMBA, Grada. Quem pode falar? Falando no centro, descolonizando o conhecimento. In: KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 47-69.

MALAQUIAS, Maria Célia. Psicodrama e negritude no Brasil. In: **Psicodrama e relações étnico-raciais**: diálogos e reflexões. MALAQUIAS, Maria Célia (org.). São Paulo: Ágora, p. 57-82. 2020

MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1975.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Negro sou**: a questão étnico-racial e o Brasil: ensaios, artigos e outros textos (1949-73). Organizado por Muryatan Santana Barbosa. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.